



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA  
CENTRO DE EDUCAÇÃO DEPARTAMENTO DE  
EDUCAÇÃO ESPECIAL LICENCIATURA EM  
EDUCAÇÃO ESPECIAL – DIURNO**

**CRISTIANE BITTENCOURT REGINALDO**

**“NÃO SEREI PROFESSORA” - UM ESTUDO DO IMAGINÁRIO  
SOBRE A DOCÊNCIA NA FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES  
NA EDUCAÇÃO ESPECIAL**

**Santa Maria, RS  
2023**

**Cristiane Bittencourt Reginaldo**

**“NÃO SEREI PROFESSORA” - UM ESTUDO DO IMAGINÁRIO  
SOBRE A DOCÊNCIA NA FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES  
NA EDUCAÇÃO ESPECIAL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura Plena em Educação Especial, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para a obtenção do grau de licenciada em Educação Especial.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Tania Micheline Miorando

Santa Maria, RS  
2023

Cristiane Bittencourt Reginaldo

**“NÃO SEREI PROFESSORA” - UM ESTUDO DO IMAGINÁRIO  
SOBRE A DOCÊNCIA NA FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES  
NA EDUCAÇÃO ESPECIAL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura Plena em Educação Especial, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para a obtenção do grau de licenciada em Educação Especial.

Aprovada em 03 de fevereiro de 2023.

---

Tania Micheline Miorando, Dra. (UFSM)  
(Presidente/Orientador)

---

Eliana da Costa Pereira de Menezes Dra. (UFSM)  
(Avaliadora)

---

Larissa Ribeiro Dalla Lana, Doutoranda (UFSM)  
(Avaliadora)

Santa Maria, RS  
2023

## **Dedicatória**

*Dedico esse trabalho a todos professores em formação que,  
assim como eu,  
em diversos momentos da sua trajetória acadêmica  
duvidaram da sua escolha formativa e da sua capacidade de lecionar.*

*Aos professores que lecionam e, ainda,  
duvidam do efeito que fazem na vida de seus alunos.*

*A todos que estão, sempre,  
em busca de novas respostas,  
e que a inquietude lhes faz refletir.*

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus, por ter me dado força para alcançar meus objetivos e persistência para sempre seguir em busca dos meus sonhos.

À minha mãe, Elaine Bittencourt e meu pai, Valdecir Reginaldo, por me incentivar sempre na busca pelo conhecimento e compreenderem a minha ausência enquanto me dedicava à realização dessa formação.

Aos meus irmãos, Vanessa, Jordi e Diego, bem como, ao meu cunhado Ederson, por estarem presente nessa etapa importantíssima da minha vida.

Ao meu namorado Sergio, seu irmão Cesar e demais familiares pelo apoio e companheirismo prestado durante esses anos de graduação.

Aos amigos, que sempre estiveram ao meu lado, pela amizade incondicional e pelo apoio demonstrado nessa trajetória formativa.

À Professora Dra. Tania Micheline Miorando, por ter sido minha orientadora e ter desempenhado tal função com dedicação, responsabilidade e competência.

Aos professores, pelos ensinamentos, me permitindo apresentar melhor desempenho no meu processo de formação profissional ao longo do curso.

A todos aqueles que contribuíram, de alguma forma, para a realização deste trabalho.

Às pessoas com quem convivi ao longo desses anos de curso, que me incentivaram e que, certamente, tiveram impacto na minha formação acadêmica.

Aos meus colegas de curso, com os quais convivi intensamente, durante os últimos anos, pelas trocas de experiências que me permitiram crescer não só como pessoa, mas também, como futura professora.

À Universidade Federal de Santa Maria - UFSM, instituição pública onde todos têm o mesmo direito de frequentá-la. Esta, também, foi essencial no meu processo de formação profissional, ao longo desses anos do curso.

## **Verbo Ser**

**Que vai ser quando crescer?  
Vivem perguntando em redor. Que é ser?  
É ter um corpo, um jeito, um nome?  
Tenho os três. E sou?  
Tenho de mudar quando crescer? Usar outro nome, corpo e jeito?  
Ou a gente só principia a ser quando cresce?  
É terrível, ser? Dói? É bom? É triste?  
Ser; pronunciado tão depressa, e cabe tantas coisas?  
Repito: Ser, Ser, Ser. Er. R.  
Que vou ser quando crescer?  
Sou obrigado a? Posso escolher?  
Não dá para entender. Não vou ser.  
Vou crescer assim mesmo.  
Sem ser Esquecer.**

**(Menino Drummond -  
Carlos Drummond de Andrade, 2012)**

## RESUMO

# “NÃO SEREI PROFESSORA” - UM ESTUDO DO IMAGINÁRIO SOBRE A DOCÊNCIA NA FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES NA EDUCAÇÃO ESPECIAL

AUTORA: Cristiane Bittencourt Reginaldo  
ORIENTADORA: Tania Micheline Miorando

O que você quer ser quando crescer? E o que você não quer ser quando crescer? Perguntas realizadas inúmeras vezes, principalmente às crianças. Entretanto, essas indagações, não ficaram apenas no passado, elas me acompanharam durante toda minha formação, assim como a resposta: Não serei Professora. Por esse motivo, fiz esse trabalho com o objetivo de compreender como as memórias que compõem o imaginário que me trouxeram até o curso de Educação Especial, passando a se tornar lembranças sobre a escola e seus professores, transformaram-se ao longo do curso para a docência. Baseando-me em teóricos que tratam sobre o Imaginário Social (CASTORIADIS, 1982), as Narrativas de Formação (JOSSO, 2004) e a Formação de Professores (FREIRE, 2004, 2016), irei realizar uma ponte entre minhas vivências, memórias e a formação para a docência na Educação Especial. A materialidade deste estudo foi construída a partir de memórias redigidas em forma de lembranças e as discussões, constituindo-as em narrativas de formação. Essas memórias foram introduzidas durante a escrita, juntamente com as interpretações que hoje tenho das mesmas, e também, são contadas a partir de lembranças que mais me marcaram de forma específica. Como resultado, apresento questões como o autoconhecimento, a compreensão de que somos seres sociais, moldados pelo Imaginário Social, a relevância das inquietações - busca por respostas, além disso, apesar dos obstáculos neste percurso, escolhi a docência.

**Palavras-chave:** Formação Inicial de Professores. Narrativa de formação. Memória. Imaginário Social. Educação Especial.

## ABSTRACT

# **“I WILL NOT BE A TEACHER” - A STUDY OF THE IMAGINATION ABOUT TEACHING IN THE INITIAL TRAINING OF TEACHERS IN SPECIAL EDUCATION**

AUTHOR: Cristiane Bittencourt Reginaldo

ADVISOR: Tania Micheline Miorando

What do you want to be when you grow up? And what don't you want to be when you grow up? Questions asked numerous times, especially to children. However, these questions were not just in the past, they accompanied me throughout my training, as well as the answer: I will not be a teacher. For this reason, I did this work with the objective of understanding how the memories that make up the imaginary that brought me to the Special Education course, becoming memories about the school and its teachers, were transformed throughout the course into the teaching. Based on theorists who deal with the Social Imaginary (CASTORIADIS, 1982), the Formation Narratives (JOSSO, 2004) and Teacher Formation (FREIRE, 2004, 2016), I will build a bridge between my experiences, memories and the training for teaching in Special Education. The materiality of this study was built from memories written in the form of memories and discussions, constituting them in training narratives. These memories were introduced during writing, together with the interpretations that I have of them today, and also, they are told from memories that most marked me in a specific way. As a result, I present questions such as self-knowledge, the understanding that we are social beings, shaped by the Social Imaginary, the relevance of the search for answers, in addition, despite the obstacles in this path, I chose teaching.

**Keywords:** Initial Teacher Education. Formation narrative. Memory. Social Imaginary. Special education.

## SUMÁRIO

O QUE VOCÊ VAI SER QUANDO CRESCER?.....	10
Problema .....	11
Objetivo geral.....	11
Objetivos específicos.....	11
Justificativa.....	11
CAPÍTULO I: MEMÓRIAS.....	14
A licenciatura e o não querer ser professora.....	15
Sob uma nova óptica: o sentimento de pertencer e o medo de errar.....	16
Nadando contra a correnteza.....	18
Vivendo/suportando os processos de minha escolarização .....	18
Lembranças da minha vivência escolar.....	20
MEDO!.....	20
A VIOLÊNCIA: PRESENTE E PRÓXIMA.....	22
Das experiências a escolha de ser professora de Educação Especial.....	23
Por que a Educação Especial? .....	24
CAPÍTULO II: IMAGINÁRIO SOCIAL E FORMAÇÃO DOCENTE.....	26
Nasceu com o dom! .....	26
Cuidar de crianças! .....	27
As crianças vão para a escola e ficam “SÓ desenhando, pintando e brincando na pracinha”!.....	28
“É SÓ cuidar das crianças, SÓ ensinar a ler, escrever, É SÓ!! .....	29
Desvalorização salarial - contexto brasileiro .....	29
O que faz um professor? Professor “só” ensina? .....	31
O que o curso mais me ensinou?.....	32
“O que você fez daquilo que te fizeram?” .....	34
REFERÊNCIAS.....	36

## O QUE VOCÊ VAI SER QUANDO CRESCER?

Este trabalho é uma autobiografia na qual irá abordar a temática da formação inicial de professores, aludindo a respeito dos imaginários sociais presentes no decorrer da minha formação. Ele será redigido no formato de contação de histórias, e irá exteriorizar as memórias que têm me acompanhando durante o meu percurso formativo.

Com foco na ressignificação dessas memórias - presentes e apanhadas desde o Ensino Fundamental - passo a considerá-las como agentes formativos, e por conseguinte, reitero que a formação se dá para além dos quatro anos de graduação e das quatro paredes que podem compor uma sala de aula.

Assim, problematizando a compreensão de como e o porquê, apesar de algumas situações e imaginários, optei por iniciar e permanecer no curso de Educação Especial, bem como, do motivo pelo qual escolhi tal curso e não a Pedagogia.

Ademais, será explanado o porquê dessa formação, muitas vezes não ser algo tão desejável e o que me levou a persistir, mesmo sabendo das possíveis e prováveis objeções que o percurso carrega.

Esta contação de histórias trará elementos que discorrem desses dilemas, sem criar juízo de valor. Ela irá relatar as diversas interferências postas pelo imaginário que gira em torno da docência e da Educação, assim como, as contribuições nas, possíveis, decisões que serão tomadas, como, desistir ou prosseguir na escolha de *ser professora*. Ambas com base na minha trajetória de vida e nos estudos e pesquisas, por mim, realizados.

Esse olhar voltado às lembranças será apresentado em pequenos episódios, onde serão explanadas e contextualizadas com os imaginários que ali se encontram, fazendo com que seja possível compreender o motivo pelo qual isso me acompanhou e não apenas ficou no passado.

Então, essas vivências serão distribuídas, ao longo desse trabalho, por meio de uma sequência de importância dos fatos - por mim considerados. Desde as lembranças do meu primeiro contato com a escola, assim como a minha primeira impressão apresentada na memória que me fez não querer ser professora por um longo período da minha vida.

Além de contar detalhadamente como essas lembranças se fazem presentes no meu consciente e como elas possuem influência nas minhas escolhas e atitudes, irei fazer uma correspondência com teóricos que tratam sobre o Imaginário Social (CASTORIADIS, 1982), a narrativa de formação (JOSSO, 2004), Formação de Professores (FREIRE, 2004, 2016) e sempre que as discussões permearem a educação no Brasil e seu contexto histórico, mais autores serão trazidos.

Assim, passo a considerar as partes do estudo que apresento, partindo do problema de pesquisa e objetivos. Essas, são questões importantes porque em torno delas dediquei meu tempo de investigação e construção teórica, considerando que não somos apenas intuição, mas um complexo emaranhado de relações que nos compõem.

**Problema de pesquisa:** Como as memórias que compõem o imaginário que me trouxeram até o curso de Educação Especial, passaram a se tornar lembranças sobre a escola e ser professora, transformando-se ao longo do curso para a docência?

**Objetivo geral:**

- Compreender como as memórias que compõem o imaginário que me trouxeram até o curso de Educação Especial, passaram a se tornar lembranças sobre a escola e ser professor, transformando-se ao longo do curso para a docência.

**Objetivos Específicos:**

- Identificar qual a influência disposta pelas experiências de vida, em suas memórias, na escolha formativa em ser professor, baseando-se na minha autobiografia.
- Discorrer quanto ao Imaginário Social presente na sociedade, em relação à profissão de educador, influenciaram nas minhas escolhas.

**Justificativa:**

Essa discussão é de grande importância para mim, visto que, por um longo tempo, durante a graduação, apresentei incertezas e insegurança quanto a minha escolha formativa. Foi a partir desses questionamentos que comecei a compreender os motivos que me levaram a tal escolha e os motivos de tanta incerteza quanto às

mesmas. Desse modo, acredito que poderei contribuir na compreensão das experiências de vida e como elas interferem na escolha profissional.

Assim, visando compreender o atravessamento do imaginário na minha formação, estarei apresentando minhas memórias e como se fizeram o motivo pelo qual retive essas memórias, mesmo que de forma inconsciente ou subconsciente. Me propus a refletir sobre elas, tornando-as conscientes e, de certo modo, superáveis, importantes para a minha formação.

Para compreender como as memórias que compõem o imaginário, me trouxeram até a minha formação em Educação Especial, trago em narrativas autobiográficas (JOSSO, 2020), chamando-as, no decorrer desse texto, de contação de história, vivências e memórias formativas.

Uma prática narrativa, qualquer que seja a forma, oferece uma possibilidade de experiência de autoconsciência, nosso alter ego e nossas responsabilidades, como proprietários de terras envolvidos no que já existe e no futuro próximo (JOSSO, p. 47-48).

Assim, esse trabalho será dividido em dois capítulos, onde no primeiro será discorrido acerca das minhas vivências, ao longo desse anos de formação, desde o ensino fundamental até o hodierno cenário. No segundo capítulo, será aludido quanto ao imaginário social presente nessas memórias e o motivo pelo qual, as mesmas, partiram de um ato de repulsão em ser professora até a graduação em Educação Especial.

A materialidade deste estudo será construída a partir de memórias redigidas em forma de lembranças e discussões, constituindo-as em narrativas de formação (JOSSO, 2004). Tais narrativas serão explanadas com o intento de trabalhar a subjetividade das experiências como tomada de consciência da minha formação.

No campo da educação e da formação, a construção de um olhar renovado de si mediante práticas de alteridade tem sido e continua sendo uma abordagem decisiva para evidenciar a epistemologia dos sujeitos para que o próprio caminho de formação seja realizado com plena consciência da própria escolha e dos desafios para eles no presente e no futuro. (JOSSO, p. 45)

O processo de acordar lembranças partiu da provocação feita em momentos de formação e será melhor relatado no decorrer do trabalho. O exercício que fiz, compilando minhas lembranças foi para deixar explícito como essas situações ocorreram e como eu reagi a elas, naquele momento, sob a perspectiva discente.

Após ter vários momentos de conflitos internos, busquei, em conversas e referenciais teóricos, compreender a importância e o papel que essas vivências tiveram na minha escolha formativa.

Embora tenha realizado enorme esforço para não criar juízos de valor quanto à atuação do educador, espero não passar a impressão sobre sua relação conosco, enquanto crianças e aprendentes nos Anos Iniciais, e suas práticas didáticas. Realço que, não concordo com seus métodos de ensino e de interação com os alunos, entretanto, gostaria de esclarecer que esse trabalho faz crítica ao processo traumático que me foi desenvolvido a partir daquelas vivências e o fato de eu não querer projetar essas mesmas vivências nos alunos/estudantes que estarão comigo - enquanto estiverem na escola - considerando que não foi algo bom para mim.

E como disse, foi o processo despertado em mim, o que pode não ter acontecido aos meus colegas, posto que não conversamos sobre essas memórias da escola, que me incentivou a escrever essa autobiografia. Acredito que apresentar essas memórias, pela minha perspectiva enquanto aluna, faz com que esse trabalho possibilite o colocar-se no lugar do outro.

Dado a importância dessa discussão, em não reproduzir essas questões de imposições e questões de poder, saliento a importância de pensar a formação e as práticas formativas do sujeito professor. Uma vez que, seja possível a reflexão: como eram os professores que eu tive, como são os que eu tenho hoje, que professor eu sou e serei, em todos os tempos, pautando-se na reflexão para a mudança/aperfeiçoamento.

Ao meu ver, não existe professor perfeito, nem esperava que tivesse, mas o fato desse profissional estar disposto a refletir e, assim, se necessário, modificar suas práticas, essa sim, é uma aproximação de uma “utopia de perfeição”.

## CAPÍTULO I: MEMÓRIAS

*Eu sou quem sou, cada um é quem é, porque todos lembramos de coisas que nos são próprias e exclusivas e não pertencem a mais ninguém. Nossas memórias fazem cada ser humano ou animal ser um ser único, um indivíduo. (Izquierdo, 2018)*

No decurso da nossa vida experienciamos diversos acontecimentos e são a partir deles que passamos a compreender o mundo que nos cerca, como quem somos, o que gostamos, o que não gostamos, o que queremos ou não ser. Essas informações ficam armazenadas e podem ser evocadas sempre que necessário - tal capacidade, segundo Izquierdo (2018), pode ser chamada de memória.

Desse modo, se tudo o que vivenciamos fica registrado, e somos moldados, demasiadamente, por essas informações, ao longo de nossa vida, logo, somos o que lembramos. Entretanto, para além da nossa modificabilidade, a partir das lembranças, somos, também, o que decidimos não lembrar - esquecer, mesmo que inconscientemente (IZQUIERDO, 2018).

As memórias que evitamos lembrar são, majoritariamente, as memórias que nos afetam negativamente. Como quando passamos por situações traumáticas, onde, às vezes, nosso cérebro opta por “esconder” essas lembranças, evitando que nosso corpo sofra diariamente e, por esse motivo, passamos a não pensá-las. Para melhor compreendermos, o neurocientista especialista em memória, Izquierdo enfatiza que:

Nosso cérebro “lembra” quais são as memórias que não quer trazer à tona, e evita recordá-las: as humilhações, por exemplo, ou as situações profundamente desagradáveis ou inconvenientes. De fato, não as esquece, pelo contrário, lembra-as muito bem e muito seletivamente, mas as torna de difícil acesso. (2018, p.21)

Embora estejam armazenadas, essas informações passam a não ser evocadas corriqueiramente, e é necessário um longo preparo para acessá-las. Acredito que o fato de eu não querer ser professora, certeza que carreguei comigo por um longo período da minha vida, deve-se a essas experiências negativas que vivenciei, entretanto, evitava pensar nelas, mas não pude evitar que as mesmas seguissem me influenciando - mesmo sem me dar conta disso.

## A licenciatura e o não querer ser professora

Ao invés de pensar sobre as condições que me faziam não querer ser professora, passei a não querer exercer essa profissão, sem questionar o motivo pelo qual essa precedência persistia. Sustive memórias de violência em sala de aula, de prepotência - por parte de professores e não compreendia a importância de acessá-las para compreender tal repulsão.

Assim, quando me era perguntado acerca do que eu seria quando crescesse, eu tinha dúvidas, mas não tinha dúvidas quando me era perguntado o que eu não seria, pois a resposta sempre era: professora. Embora não houvesse uma noção do porquê eu pensava assim, eu sabia que existia uma razão para tal decisão, mas eu não queria pensar nisso e, assim, reprimia essas memórias. Hoje sei que não fiz isso propositalmente - que essa era a maneira de me proteger para evitar ter que pensar em algo do qual eu sentia medo.

Vizinho à extinção encontra-se o fenômeno que a psicanálise denominou repressão. Trata-se de memórias declarativas, quase sempre episódicas, que o indivíduo simplesmente decide ignorar, e cuja evocação suprime, muitas vezes, durante décadas. São aquelas memórias que decidimos tornar inacessíveis, cujo acesso bloqueamos. O conteúdo dessas memórias compreende episódios humilhantes, desagradáveis ou simplesmente inconvenientes do acervo de memórias de cada pessoa. (IZQUIERDO, 2018, p.68)

Assim, neguei que seria professora até mesmo depois de ter iniciado a graduação de Licenciatura em Educação Especial. Nesse período, durante os primeiros semestres do curso, sempre que iniciava uma disciplina nova, após os professores se apresentarem, faziam à turma, e eu como aluna também deveria responder, às seguintes perguntas:

- Por que vocês escolheram esse curso?
- Essa foi a primeira opção de curso? Sim? Não, então qual era a primeira?

Tal conversa se dava com o intuito de fazer com que a turma se conhecesse, assim como, para os professores conhecerem um pouco de como considerávamos o curso, devido ao pouco tempo - quando comparado com as demais licenciaturas - que foi criado essa formação especificamente. Assim, sempre que essas situações ocorriam eu ficava ansiosa ao se aproximar minha vez de responder,

porque eu, simplesmente, não sabia a resposta - só sabia que não era minha primeira opção.

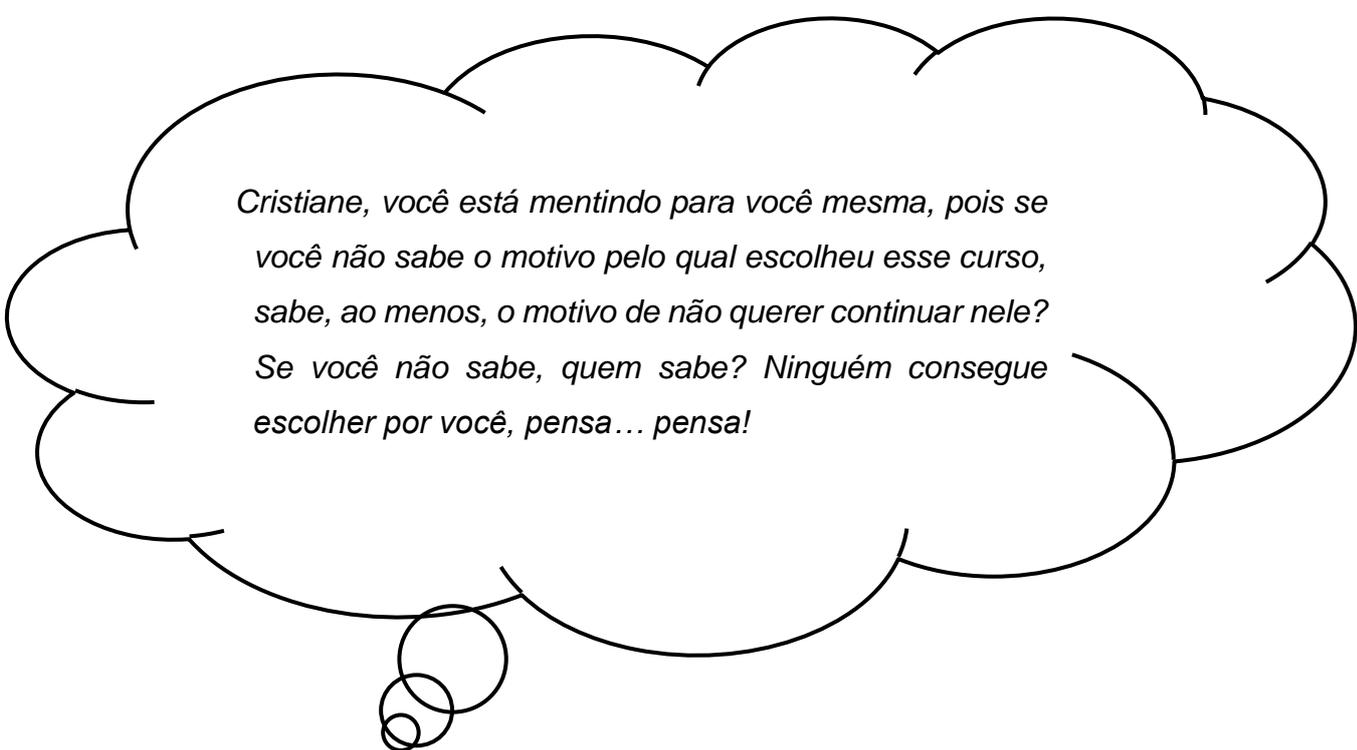
Conforme foram passando os semestres eu ficava refletindo sobre aquelas questões e antecipando minhas possíveis respostas para as futuras perguntas que, com toda certeza, viria novamente. No entanto, essa minha reflexão era baseada em uma desculpa que eu precisava apresentar, pois não saber não era mais uma resposta aceitável. Aqui comecei a confabular histórias - só para não pensar qual era a verdadeira origem de tal sentimento.

### **Sob uma nova óptica: o sentimento de pertencer e o medo de errar**

Depois de muitas respostas, eu já estava cansada de ouvir a mesma pergunta: O por que ser professora? Até o dia em que determinada professora me fez uma pergunta, um tanto, diferente: O por quê, *exatamente*, eu *não* queria ser professora.

Isso fez toda diferença! Inacreditavelmente um *não* fez *tanta* diferença para mim! Após esse choque com a nova pergunta, passei a pensar sobre os motivos reais, pois aquela resposta premeditada já não era suficiente, nem para os outros, nem para mim. Conforme eu formulava alguma resposta, lembrava de uma situação que havia ocorrido, tal situação me remetia a outra e assim sucessivamente.

Pensava comigo mesma:



*Cristiane, você está mentindo para você mesma, pois se você não sabe o motivo pelo qual escolheu esse curso, sabe, ao menos, o motivo de não querer continuar nele? Se você não sabe, quem sabe? Ninguém consegue escolher por você, pensa... pensa!*

Apesar dessas indagações que eu fazia, ignorei essa voz que havia dentro de mim, e vida que segue...

- Que vida?

Logo batia uma crise existencial de estar “perdendo tempo”, fazendo algo que eu não queria. Eu só queria, pelo menos, saber o motivo!

Vida que segue... novamente e novamente...

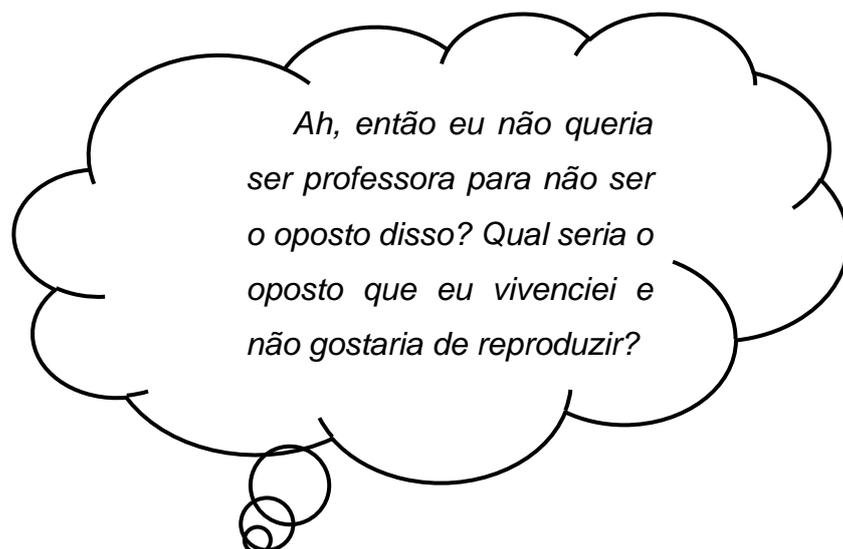
- Sabe a sensação de não se reconhecer?

Pois bem, era assim que eu me sentia naquele momento, eu não conseguia mentir para mim mesma e isso passou a me incomodar.

Conforme o tempo passava, a situação foi piorando, até que certo dia em uma aula de Ensino da Língua Portuguesa para Surdos, a professora começou a nos estimular a criar atividades, não convencionais, para o ensino dos alunos surdos. Tudo começou com o sentimento de acolhimento, do prazer em planejar e aplicar uma aula diferente, comecei a gostar daquela sensação de pertencimento. Eu era ali uma professora, uma boa professora - assim como a professora daquela disciplina.

Assim, comecei a pensar:





Pensamentos vão e voltam... comecei a recordar de situações que ocorreram na minha infância durante o Ensino Fundamental - situações boas sempre houve, no entanto, as ruins foram as mais importantes - a ponto de me fazer temer ter que vivenciá-las novamente.

Sentia desconforto ao lembrar de um professor que me fazia sentir medo - medo ao ponto de temer, um dia, ser desse mesmo modo com alguém.

Você deve estar se perguntando se esse foi o primeiro e único motivo de eu repelir a ideia de ser professora, no entanto, não sei dizer se foi, exatamente, o primeiro, sei que não foi o único, mas, com toda certeza, foi um dos mais significantes para tal escolha.

### **Nadando contra a correnteza**

Por que, mesmo com tantos eventos que me afetaram negativamente e negando tal escolha profissional, eu ainda entrei em um curso de licenciatura? Eu me perguntava o porquê de eu não querer ser professora e pensava, presenciei tantas coisas ruins acerca de como alguns professores lecionavam e como eram tratados em sala de aula, que eu sabia que aquilo não era pra mim. Mas, então, por que eu estou fazendo uma licenciatura?

Acredito que a partir de tanta repulsa, eu queria fazer diferente, experienciar o outro lado da história e *provar* para mim mesma que era possível agir de maneira

diferente. Que aquele professor tinha escolha sim, ele poderia ensinar e ter autoridade sem ser autoritário ao ponto de amedrontar. Provar que nem sempre o professor é quem está certo, até porque eu não concordava com algumas atitudes, mas o que eu poderia fazer naquele momento, diante dessas situações?

## **Vivendo/suportando os processos de minha escolarização**

Embora pareça ser um processo rápido e fácil, saliento, que foi um período bem conturbado para mim. Essas memórias estavam tão escondidas que, às vezes, eu passava dias pensando e em alguns momentos, sentia que aquele assunto me cansava, causava receio e, novamente, medo.

Por esse motivo, apresentei dificuldade em escrever essa autobiografia, pois, por mais sucinto que eu tente explicar os motivos das minhas escolhas, elas estão tão carregadas de sentimentos que acabo por temer ser compreendida incorretamente.

Vale ressaltar que por mais carregado de emoção que seja um evento, nunca seremos capazes de nos lembrar de todos os detalhes. Mesmo as “melhores” memórias não são perfeitas, há sempre algum grau de perda durante o processo de consolidação. Assim, outra peculiaridade das memórias de longa duração é seu caráter não estável. Além das perdas que ocorrem logo durante o processo de consolidação, toda vez que evocamos uma memória, modificamos mais ainda essa mesma memória. (MOURÃO E FARIA, 2015; p.785)

Durante esse relato da minha história de formação, as memórias são apresentadas a partir de fragmentos, porque acredito que a partir deles, fica mais evidente alguns detalhes do que e como essas situações foram ocorrendo e assim, se torne mais compreensível. Na minha memória tudo faz sentido, mas ao redigir, sei que os fragmentos, na forma como são relatados, podem não dizer o que pensei ou levar a outras possibilidades de interpretação.

Ademais, para que o armazenamento e evocação dessas memórias ocorram, considero a influência de fatores patológicos - apresentados acima como o funcionamento da evocação das memórias, bem como, de fatores de ordem social - que irei discutir ao final deste capítulo. Considerando ambos os fatores, é possível responder como e o porquê algumas memórias são reprimidas, do mesmo modo que eu fizera.

No que concerne ao contexto social em que estamos inseridos, vale ressaltar, que, outra razão para além das questões patológicas, que faz com que não refletimos sobre algumas experiências de vida, deve-se ao fato de nos encontramos em um mundo moderno, de fluidez, de constantes exigências. Nele somos lembrados, diariamente, que o mundo não irá parar para nos esperar, que devemos “correr atrás” do que queremos. Exigências essas, consequentes da Modernidade Líquida, elucidada por Zygmunt Bauman (1999) como

[...] uma obsessiva marcha adiante — não porque sempre queira mais, mas porque nunca consegue o bastante; não porque se torne mais ambiciosa e aventureira, mas porque suas aventuras são mais amargas e suas ambições frustradas. A marcha deve seguir adiante porque qualquer ponto de chegada não passa de uma estação temporária. (p. 18)

Desse modo, devido a esse esforço contínuo e incessante, passamos a não observar coisas simples, pequenos detalhes de lembrança e a “viver no automático”, sem questionar, sem refletir, apenas seguir em frente na “mesmice”. Muitas vezes, só mudamos esse hábito, quando ele começa a nos prejudicar muito, como por exemplo, quando eu estava frustrada, não conseguia estudar direito, nem aguentava mais ficar nesse automático, além dele ter sido colocado em “xeque-mate” pela nova indagação que partiram daquela professora, e, assim, desestabilizar essa rotina de desculpas que eu inventava - e acreditava - durante esse percurso, me fazendo sair daquela “zona de conforto”. Zona de conforto entre aspas devido ao fato de ser nenhum pouco confortável, mas ainda assim, com o intuito de exemplificar o quanto era cômodo não questionar e nem refletir sobre as situações vividas.

### **Autobiografia: lembranças da minha vivência escolar**

#### **O MEDO**

Em determinado ano do Ensino Fundamental, fui aluna de uma professora que era muito brava, adjetivo que a descrevia no ambiente escolar. Durante a aula, mal podíamos falar, mal podíamos nos mexer ou tirar alguma dúvida, pois tínhamos medo de ser xingados por ela.

Ao escrever “tínhamos”, passo a considerar que esse medo não era apenas meu. Em alguns momentos de interação com os colegas foi possível perceber que

todos a temiam. Percepção esta, devido aos comentários realizados na sua ausência, além do fato de que a companhia dela causava um silêncio enorme e incômodo.

Então, o medo era algo que nos consumia na presença dessa professora, embora alguns dias ela estivesse mais amigável, sempre ficava aquele receio de que ainda assim ela poderia a qualquer momento mudar de humor e não querer ser mais amigável e, com isso, “sobrar para nós”.

Por conta disso, eu tinha medo de errar, de não aprender e ela me perguntar algo que eu não soubesse responder e, por esse motivo, me sentir humilhada na frente de toda a turma. Mesmo sendo uma criança, eu ficava pensando como iria aprender o que eu não sabia, se não poderia perguntar - pois, também, tinha medo de tirar minhas dúvidas (queria que aquilo terminasse logo).

Quando ela - a professora - passava uma atividade, pedia que algum aluno respondesse em voz alta, alguém de sua escolha, essa era uma situação de pânico, pois poderia ser qualquer um de nós. Sendo assim, caso, a resposta estivesse errada ou não estivéssemos sentados corretamente, ou ainda, falar muito devagar ou rápido demais, ela nos repreendia.

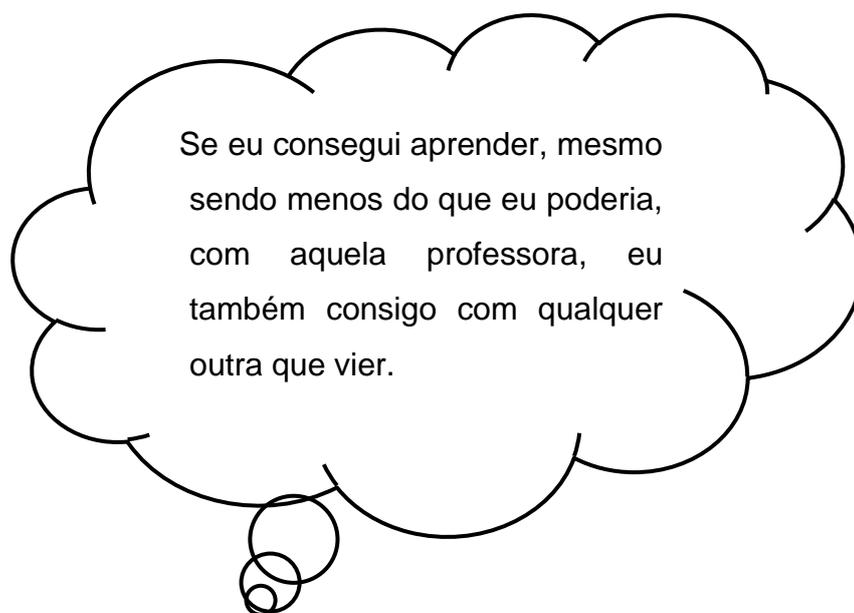
Eu, particularmente, ficava sempre apreensiva, devido a possibilidade de uma possível humilhação frente a turma inteira, a qualquer momento e, de certo modo, aquele sentimento era uma “tortura”. Além de nos obrigar a falar, existia uma grande chance de sermos corrigidos, rigorosamente, na frente de todos - situação que era vergonhosa. Essa “obrigação de responder para a turma inteira” era praticada indiretamente, visto que não havia uma ameaça propriamente dita, mas sabíamos que ela iria nos tirar nota, anotar nosso nome em algum caderninho e reclamar com os pais e diretores posteriormente - opressão velada.

A professora apresentava um jeito insensível, aparentava não se importar com o fato de sentirmos medo dela, pelo contrário, parecia sentir-se confortável com aquelas situações (ela dominava/"domava" a turma). A sensação que ela nos causava, era de que dependíamos dela até para respirar, pois tudo deveria passar por ela, estávamos sempre sendo vigiados - isso nos amedrontava.

Por isso, o medo de perguntar, em caso de haver dúvidas, o medo de conversar com o colega, já que a conversa raramente era permitida, o medo de pedir para ir ao banheiro (mesmo em extrema necessidade), além do medo de olhar para ela e, assim, ela perceber que estávamos olhando.

Contudo, apesar dos infindáveis dias vivendo sob esses medos, fui aprovada de ano e de certa forma, me libertei. No entanto, com a sensação de liberdade em relação àquela “ditadora”, mas passei a me questionar se haveria mais professoras assim ou aquela, felizmente, seria a última.

Com isso, percebi, ao longo dos anos de colegial, que a libertação para esses medos não deveria vir externamente, pois como eu já havia visto, trocavam as pessoas que amedrontavam e o medo - por mais que nem tão intenso como antes - ainda existia. Talvez resquícios daqueles momentos, dado a magnitude de tal experiência? Acredito que sim!



Minha mentalidade passou a mudar, talvez pela ação de hormônios na pré-adolescência, ou, talvez, pelo esgotamento psicológico que vivenciei e, inconscientemente, me cobrava alguma reação.

Embora tenha dado um salto frente a esse medo, comecei a ponderar sobre ser professora, pois eu não queria que alguém tivesse medo de mim, não queria ser insensível, que os alunos ficassem sem tirar suas dúvidas pelo fato de eu ser uma professora apática. Por conseguinte, passei a entender que para eu não ser como aquela professora, era só eu não ser professora.

### **A Violência: Presente e Próxima**

Para além do medo, vivenciado por mim, com relação a um professor, também experienciei outra situação que me fez, por longos anos, não querer ser professora, como: fato de presenciar uma agressão contra um professor.

Em determinado dia, também, no Ensino Fundamental, estava tudo ocorrendo bem, era uma aula que eu gostava, meus colegas, aparentemente, também, até que em algum momento, o menino que sentava na carteira à minha frente, começou a discutir com a professora - não recorro por qual motivo iniciou essa discussão. Lembro que teve início com agressões verbais, até chegar ao ponto em que o menino começou a agredir fisicamente a professora, ele era um pouco mais velho e, portanto, bem maior que os demais colegas.

Me senti impotente, por não saber e nem poder fazer algo para terminar com aquelas agressões, dentre tanto pavor, a parte que me mais me marcou, foi quando ele a derrubou na minha carteira e ela acabou urinando sobre as atividades. Após toda essa situação, não recorro quem, mas algum professor interviu, a professora se machucou, chamaram a Polícia e afins, fizeram Boletim de Ocorrência e depois de alguns dias, o menino voltou a sentar, novamente, na carteira à frente.

Aquilo me incomodava, não porque eu tinha medo do menino, mas porque parecia que não era algo tão grave agredir um professor, tudo voltou ao normal, mas o que tem de normal nisso? O que eu poderia ter feito? Como evitar?

E, assim, mais uma vez, eu concluí que para não ter que experienciar aquilo novamente, eu não deveria ser professora, pois uma professora foi agredida e “ninguém se importou”.

### **Das experiências a escolha de ser professora de Educação Especial**

Acredito que o medo vivido por mim, me direcionou ao caminho de educador, bem como, ao tipo de profissional que sou, pois quero educar sem amedrontar. Considero-me “sortuda” ao chegar aonde estou, apesar de situações traumáticas como as descritas anteriormente. No entanto, não posso me apegar ao fato de que sou um resultado do medo, e mais ainda, resultado de como lidei com esse medo, pois nem todos que passam por essas experiências tomam tal caminho. Como aludido por Freire,

Diante do medo, seja do que for, é preciso que, primeiro, nos certifiquemos, com objetividade, da existência das razões que nos provocam o medo.

Segundo, se existentes, realmente, compará-las com as possibilidades de que dispomos para enfrentá-las com probabilidade de êxito. Terceiro, o que podemos fazer para, se for o caso, adiando o enfrentamento do obstáculo, nos tornemos mais capazes para fazê-lo amanhã (1994. p. 40)

Dessarte, posso instruir aos alunos, como lidar com essas possíveis situações, mas compreendo que não posso ser a fonte desses medos e esperar que eles se certifiquem de superá-los. Hoje tenho uma compreensão diferente da época da escola, onde eu, apenas, me afastava de situações de conflitos presentes em sala de aula. Percebo que essa fuga - evitar pensar nessas situações - não me fez superar esses traumas - pelo contrário, fez com que eu demorasse mais tempo para os superar.

Assim, percebo que um professor não deve contar com a sorte, deve ter condições de analisar suas ações antes mesmo de colocá-las em prática. Eu, como professora, não poderei agir de qualquer modo, sem analisar as consequências e pensar: Ah, talvez meus alunos, também saibam lidar da melhor forma, talvez tenham sorte.

### **Por que a Educação Especial?**

Ao escolher o curso de Licenciatura em Educação Especial, eu não compreendia que este era um curso formador de professores, conhecia o curso superficialmente, e acredito, que por ter ouvido várias vezes falarem “Educador Especial” ao invés de “Professor de Educação Especial, pensava que esse profissional não era considerado um professor.

Ademais, costumo dizer que eu não escolhi o curso, ele quem me escolheu, porque mesmo cursando alguns semestres, mesmo sem ter me encontrado efetivamente, e não me imaginando como uma possível professora, ainda permaneci no curso. Por vários semestres segui relutante, ser professora nunca foi meu objetivo, mas ao mesmo tempo, eu ali estava.

### ***A Força do Professor***

***Um guerreiro sem espada  
sem faca, foice ou facão  
armado só de amor  
segurando um giz na mão  
o livro é seu escudo  
que lhe protege de tudo  
que possa lhe causar dor  
por isso eu tenho dito  
Tenho fé e acredito  
na força do professor.***

***Ah... se um dia governantes  
prestassem mais atenção  
nos verdadeiros heróis  
que constroem a nação  
ah... se fizessem justiça  
sem corpo mole ou preguiça  
lhe dando o real valor  
eu daria um grande grito  
Tenho fé e acredito  
na força do professor.***

***Porém não sinta vergonha  
não se sinta derrotado  
se o nosso país vai mal  
você não é o culpado  
Nas potências mundiais  
são sempre heróis nacionais  
e por aqui sem valor  
mesmo triste e muito aflito  
Tenho fé e acredito  
na força do professor.***

***Um arquiteto de sonhos  
Engenheiro do futuro  
Um motorista da vida  
dirigindo no escuro  
Um plantador de esperança  
plantando em cada criança  
um adulto sonhador  
e esse cordel foi escrito  
por que ainda acredito  
na força do professor.***

***Bráulio Bessa***

## CAPÍTULO II: IMAGINÁRIO SOCIAL E FORMAÇÃO DOCENTE

Baseei-me na teoria do Imaginário Social, de Castoriadis (1982), na busca por compreender como tal imaginário, pautados em minhas experiências de vida e relações sociais, influenciaram na minha escolha formativa, bem como, na relutância em não ser professora. Para melhor compreendermos, Castoriadis (1982), ressalta que

Aqueles que falam de “imaginário” compreendendo por isso o “especular”, o reflexo ou o “fictício”, apenas repetem, e muito frequentemente sem o saberem, a afirmação que os prendeu para sempre e um subsolo qualquer da famosa caverna: é necessário que (este mundo) seja imagem de alguma coisa. O imaginário de que falo não é imagem de. É criação incessante e essencialmente indeterminada (social-histórica e psíquica) de figuras/formas/imagem, a partir das quais somente é possível falar-se de “alguma coisa”. Aquilo que denominamos “realidade” e “racionalidade” são seus produtos. (p.13)

Desse modo, tal imaginário social concerne às criações/construções/convenções sociais acerca do que chamamos realidade. Estas construções influenciam no modo de vida das pessoas que compartilham e estão envolvidas neste meio, fazendo com que esse imaginário sofra alterações (instituinte e instituído) ao longo do tempo, podendo ser vistos como avanços ou retrocessos, quando comparado entre eles (CASTORIADIS, 1982).

Assim, para além dos imaginários sociais, que correspondem diretamente às minhas experiências formativas - medo e violência -, há outros imaginários dentro dessa concepção social da qual sou influenciada (como ser social) e que muitas vezes não são situações “tão” diretas. A seguir, trago alguns fragmentos que são parte desse imaginário que complexifica a docência em seu universo.

### **Nasceu com o dom!**

Há um imaginário social que corresponde à noção de que professor já nasce com determinado dom para ensinar. Embora pareça inofensivo, esse imaginário acaba por estereotipar a profissão, a desqualificá-lo, como se não exigisse esforço, estudos e dedicação para atuar.

(Des)qualificar é tirar a qualidade, e qualidade é o que determina a natureza, o ser da coisa. Quando se tira o ser da coisa, promove-se a coisificação. Logo, desqualificar é um modo de tirar da profissão aquilo que a faz ser ela mesma. (SANTOS, 2015, p.356).

Como seria se o imaginário sobre a docência fosse de uma profissão como engenheiro ou médico?

“- Ah, que legal, você projetou essa obra muito bem, nos proporcionando segurança, nasceu com um dom para isso!”.

Ou:

“- Ah, obrigada por ter salvado minha vida realizando essa cirurgia com responsabilidade e competência. Parabéns, nasceu com um dom para isso.”

Você já ouviu esse discurso direcionado a esses profissionais? Não? Sim, quantas vezes?

E quanto a um professor, você já ouviu?

Eu, particularmente, já ouvi esse discurso inúmeras vezes, em diversos lugares, dentro e fora do ambiente escolar - todos direcionados a professores.

Cabe realçar que não estou incitando o uso desses discursos para os profissionais exemplificados acima, nem para nenhum outro, mas sim, considerar que esse imaginário de “nascer com um dom para determinada profissão” corrobora para a desvalorização dos esforços realizados na sua formação para atuar com o reconhecimento profissional a ele dedicado.

## **Cuidar de crianças!**

Nos grupos de *Facebook* inúmeras vezes já presenciei algumas publicações de pessoas em busca de estudantes dos cursos de Pedagogia e Educação Especial ou recém formados para trabalhar como babá. Novamente, estou pontuando um imaginário social, não julgando a conduta da pessoa de modo específico.

Bem como, a questão aqui, não é avaliar, nem menosprezar o trabalho de uma babá, longe disso. Acontece que esse imaginário perdura pelo fato de que esse profissional realiza um trabalho de cuidador, da tia da escola, da vizinha e não de educador e essas atuações não devem simplesmente ser equiparadas.

A tentativa de reduzir a professora à condição de tia é uma “inocente” armadilha ideológica em que, tentando-se dar a ilusão de adocicar a vida da professora o que se tenta é amaciar a sua capacidade de luta ou entretê-la no exercício de tarefas fundamentais. (FREIRE, 1994 p. 25)

Imaginário este de que as tias cuidam dos sobrinhos por amor, onde elas não precisam ser bem pagas. Elas não têm direitos, ora, é uma obrigação ajudar a cuidar

dos sobrinhos, afinal de contas, cada um na família colabora de alguma forma, a tia, por sua vez faz esse trabalho: “dar uma olhadinha”.

Não há um único culpado nisso, não é a pessoa que fez a publicação no *Facebook* que determinou que assim fosse. Essa é uma construção realizada ao longo dos anos e que carrega uma culpa quanto à desvalorização dos profissionais. Para que esses problemas sejam aniquilados, urge a necessidade da problematização e desconstrução desse imaginário instituído.

### **As crianças vão para a escola e ficam “SÓ desenhando, pintando e brincando na pracinha”!**

Infelizmente, ouço muito esse discurso, não quero julgar as pessoas que o fazem por ignorância, mas aos que fazem intencionalmente:

- SIM, TEM QUEM O FAÇA DE FORMA INTENCIONAL!

“Mas é só uma brincadeira!” Não, o imaginário social, também, encontra-se nos discursos contados com ironia - na busca por minimizar tal ofensa.

Então, qual o imaginário presente neste discurso?

- Professor faz nada o dia inteiro, SÓ cuida das crianças na escola e coloca elas para pintar, desenhar, correr no pátio!

Muitos não compreendem a importância da Educação Infantil e as metodologias de ensino e de aprendizagem aplicadas nesta etapa educacional. Fato que a pandemia da covid-19 colocou em dúvida, devido ao afastamento social e, portanto, a ausência do papel da escola no modo presencial. Houve com isso, diversos atrasos no desenvolvimento, de modo geral, das crianças durante esse período, que começamos a perceber com o retorno à presencialidade, mas somente no decorrer dos anos é que saberemos o quanto teremos por reformular os fazeres docentes frente ao que se modificou nesse período pandêmico.

### **“É SÓ cuidar das crianças, SÓ ensinar a ler, escrever. É SÓ!!**

Esse “é só”, também, foi colocado em “xeque” durante a pandemia de coronavírus, causada pelo vírus SARS-CoV-2, iniciada ao final do ano de 2019. Esse período foi importante, devido à necessidade do distanciamento social, onde as

escolas ficaram fechadas com o intuito de evitar o contágio da doença. Nesse momento nebuloso, surgiram alguns pais nas redes sociais, preocupados, sem saber o que fazer com os próprios filhos, indignados com o fato de os professores não estarem atuando presencialmente e estarem recebendo, sendo que eram eles, os pais, que estavam tendo que ficar em casa com os filhos.

### **Aí eu me pergunto: mas não “É SÓ ENSINAR? SÓ PASSAR ATIVIDADES NO PÁTIO, NA PRACINHA? SÓ PULAR CORDA... SÓ... ??**

Mesmo os professores enviando as tarefas havia dificuldade em aplicá-las. Mas não era só passar atividade? Quando o professor fazia isso era tão simples (“Isso qualquer um faz!”) - desconsiderando a preparação e os estudos metodológicos para tal aplicação.

### **Desvalorização salarial - contexto brasileiro**

Ademais, para além dos exemplos de imaginário social, citados anteriormente, temos aqui, o resultado desse imaginário, que, depois de desqualificar, presume indiferente ter uma baixa remuneração. Corroborando na desvalorização da profissão professor, por conta disso,



Fonte: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2018/07/30/metade-dos-professores-nao-recomenda-a-profissao-aos-jovens-por-causa-da-desvalorizacao-diz-pesquisa.ghtml>

De acordo com o G1, foi realizada uma pesquisa com 2.160 professores da Educação Básica (redes públicas municipais e estaduais, e da rede privada), de forma proporcional em todo o país.

Entre os entrevistados, 49% dos entrevistados "certamente não recomendariam" a profissão para um jovem. Entre algumas das palavras mais usadas pelos professores para as razões de recomendação ou não da profissão docente, se destacam as relacionadas à não recomendação, como a valorização, o salário e o reconhecimento. (G1, 2018, texto digital)

A partir desses dados, infere-se que o imaginário social acerca da formação docente, é tão impactante ao ponto de influenciar e desanimar, até mesmo, os professores. Desse modo, cabe a nós, professores, tomarmos consciência do nosso papel, para além das salas de aulas, do ensino e da aprendizagem, e nos voltarmos a questões de defesa profissional - sem cair nessa armadilha de autopiedade. Visto que

Ser Professor é um ato político, social, é aceitar o desafio de contribuir para o processo de humanização do Homem, mas para tal ele mesmo, o Professor, precisa ser antes, valorizado, primeiro por ele mesmo, pelos Governos e Sociedade. A excelência na qualidade da Educação dos indivíduos e da Sociedade começa pela excelência da Profissão Docente. (SANTOS, 2015, p. 358)

Dessarte, é imprescindível que a formação inicial de professores, aborde as temáticas políticas, sociais e evidencie a importância da consciência formativa que esses sujeitos necessitam para desempenhar seu dever como um profissional consciente das suas responsabilidades como professor em defesa da sua profissão. Tal consciência deve considerar a importância e a persistência do educador pelo (auto)reconhecimento.

É preciso ousar para ficar ou permanecer ensinando por longo tempo nas condições que conhecemos, mal pagos, desrespeitados e resistindo ao risco de cair vencidos pelo cinismo. É preciso ousar, aprender a ousar, para dizer não à burocratização da mente a que nos expomos diariamente. É preciso ousar para continuar quando às vezes se pode deixar de fazê-la, com vantagens materiais. (FREIRE, 1994, p.10)

É visto que há determinado "vício" em querer palpar no trabalho desse profissional, por parte da sociedade em geral, como se fosse algo que qualquer um sabe. Os professores em formação inicial devem tomar conhecimento do seu valor e, assim, defendê-los com propriedade.

A necessidade que temos de poder lutar cada vez mais eficazmente em defesa de nossos direitos, ele ser competentes e estar convencidos da importância social e política de nossa tarefa, reside no fato de que, por exemplo, a indignação de nossos salários não depende apenas das condições econômico-financeiras do Estado ou das empresas particulares. Tudo isso está muito ligado a uma certa compreensão colonial de administração, de como lidar com os gastos públicos, hierarquizar as despesas e priorizar os gastos. (FREIRE, 1994, p. 48)

Desse modo, para que a profissão de professor não seja banalizada, há a necessidade de que tal reconhecimento parta, também, desses profissionais. No autoconhecimento a ponto de compreender-se como sujeito político e a importância do seu serviço para a sociedade considerando, assim, a seriedade do trabalho docente e viabilizando a luta contra os imaginários instituídos que acabam por depreciá-los.

### **O que faz um professor? Professor “só” ensina?**

Durante um período da graduação, trabalhei como babá de um menino entre 6 e 7 anos de idade. Certa vez, perguntei a ele, que já frequentava a escola: O que faz um professor?

Ele respondeu: Um professor ensina.

Como ele sabia que eu era uma professora em formação, questionei se eu apenas lhe ensinava.

Foi quando ele parou, pensou e respondeu: No cubo mágico eu que te ensino (montar e desmontar)!

Assim, após ele me responder, fiz novamente a primeira pergunta: O que faz um professor?

Ele respondeu novamente: Um professor ensina, mas, alguns também, aprendem, até porque se ele não aprender, ele não vai saber e, daí não vai ter como ensinar. De acordo com Freire, “O ensinante aprende primeiro a ensinar, mas aprende também ao ensinar algo que é reaprendido por estar sendo ensinado” (1994, p. 28). Esta citação enriquece e complementa o pensamento do menino, uma vez que;

Ensinar inexistente sem aprender e vice-versa e foi aprendendo socialmente que, historicamente, mulheres e homens descobriram que era possível ensinar. [...] Aprender precedeu ensinar ou, em outras palavras, ensinar se diluía na experiência realmente fundante de aprender. Não temo dizer que inexistente

validade no ensino de que não resulta um aprendizado em que o aprendiz não se tornou capaz de recriar ou de refazer o ensinado, em que o ensinado que não foi apreendido não pode ser realmente aprendido pelo aprendiz. (FREIRE, 2016, p.25-26).

Destarte, aprender e ensinar, são verbos indissociáveis, a didascália (FREIRE, 2016) é uma relação inseparável, ninguém aprende sem ensinar, nem ensina sem aprender, ambas acontecem concomitantemente.

### **O que o curso mais me ensinou?**

Com o curso aprendi muito mais do que ser professora, aprendi que para ser um profissional competente, era necessário que eu fosse, antes de mais nada, um ser humano competente, que eu estivesse disposta a interagir com outros seres humanos e que essa interação fosse efetivada de modo respeitoso e acima de tudo com responsabilidade.

Aprendi que serei professora, e por assim ser, sei que deixarei marcas nos sujeitos que me acompanharão durante esse processo, no entanto, almejo que sejam as mais positivas possíveis, pois;

O professor autoritário, o professor licenciado, o professor competente, sério, o professor incompetente, irresponsável, o professor amoroso da vida e das gentes, o professor mal-amado, sempre com raiva do mundo e das pessoas, frio, burocrático, racionalista, nenhum desses passa pelos alunos sem deixar sua marca. Daí a importância do exemplo que o professor ofereça de sua lucidez e de seu engajamento na peleja em defesa de seus direitos, bem como na exigência das condições para o exercício de seus deveres. (FREIRE, 2016, p. 64)

Assim, compreendendo que estas marcas irão acompanhar os futuros alunos, assim como me acompanharam e sempre estarão comigo, entendo a responsabilidade do dever docente, que vai, muito, além de ensinar.

A partir da compreensão de que a formação docente é mais abrangente - mais que ensinar. Comecei a entender o motivo pelo qual escolhi fazer uma licenciatura, além do fato de eu me simpatizar com o ato de ensinar.

Então passei a me questionar:

- Um professor "só" ensina?
- Sim? Não? Talvez?
- Afinal, o que significa ensinar?

- Ensinar é passar determinado conteúdo de um livro didático para uma lousa e esperar que aqueles sujeitos que estão ali como alunos vão copiar e, por sua vez, aprender?
- E eu como professora só ensino, naquele momento? Acontece alguma troca de conhecimento?
- Parece, um tanto, ultrapassada a ideia de que aqueles sujeitos são uma tabula rasa, não é mesmo?

Novamente, minhas inquietações seguiram me acompanhando, no entanto, agora eram outras: Afinal, o que faz um professor?



Fonte:

<https://www.facebook.com/inclutopiaeducacional/photos/a.2005347286252579/2258676507586321/?type=3>

Assim como a Patty (personagem da tirinha acima) fiquei me questionando acerca do fazer docente. Embora pareça uma resposta simples a que Charlie deu, devido a minha trajetória formativa, passo a consentir quanto a tal afirmação, pois, assim como declarado por ele: "NA PIOR DAS HIPÓTESES O PROFESSOR FAZ TODA A DIFERENÇA" !

## “O QUE VOCÊ FEZ DAQUILO QUE TE FIZERAM?”

Embora não tenha aludido durante este trabalho, a linha de pensamento defendida por Jean-Paul Sartre, com a frase acima, busco inspiração para fazer o fechamento deste trabalho. Ela foi mencionada, haja vista que é uma frase que marca muito minha trajetória formativa. Apesar de alguns obstáculos no caminho - traumas - esse trabalho conta um pouco daquilo que me fizeram: onde escolhi optar pela formação de educadora, para assim, fazer a diferença.

Hoje, compreendo como esse Imaginário Social influenciou nas minhas escolhas, sejam elas o não querer ser professora e o ser professora. A escolha pela docência é oriunda de reflexões sobre minha vida e minha formação de modo integral. Ter passado por essa experiência, de ressignificar a minha trajetória fez com que me encontrasse, havia lacunas a serem preenchidas, que só consegui fazê-las a partir desse processo de sentar, escrever, interpretar, ressignificar e, assim, alcançá-las com fundamentos que vão além do meu pensamento, questões pautadas em grandes estudos - exteriorizar e interiorizar determinadas concepções.

Pensar a minha formação me fez entender a realidade em ser professora e os imaginários presentes desta formação. Embora muitas vezes não valorizados, nós dispomos de tempo, estudamos e nos aprofundamos para, posteriormente, atuar, abrindo mão de inúmeras atividades de lazer com nossos entes queridos, para nos prepararmos para a aula do dia seguinte.

Tendo em vista o imaginário social instituído, assim como o período que estamos vivendo da modernidade líquida, parei para pensar minha formação e entendê-la em sua totalidade. Com isso, concluí que somos sujeitos sociais, moldados, diariamente, por esse meio - mesmo que muitas vezes inconscientemente. E por essa razão, devemos, ao menos, tirar um tempo para nos questionar quanto às escolhas que fazemos e até que ponto podemos ressignificá-las.

É necessário um grande esforço para sairmos da correnteza e escolhermos em que águas queremos nadar, muitas vezes parece impossível. Mas o ato de pararmos e refletirmos quanto a nossa vida, nossas atitudes, nossas lembranças, nos faz encontrar respostas, nos encontrarmos em nós mesmos.

Na minha trajetória o não ser professora era a corrente mais fácil, menos sofrida. Devido às situações que eu vivenciei, as quais, criaram-se estereótipos

acerca de ser professora, até porque era mais cômodo acreditar se tornar professora seria algo ruim e que eu não deveria fazer.

Confesso que não é fácil retornar às lembranças ruins e compreendê-las como agentes formadores, mesmo que não seja algo bom de se dizer. Mas as minhas vivências e o fato de eu encará-las me fez ser a profissional que eu sou hoje. Não irei reproduzir, irei enfrentá-las.

Percebo isso, diante das práticas desenvolvidas nos períodos de estágios. Por mais que ainda tenha realizado um estágio à distância devido a pandemia, os estágios presenciais me trouxeram essas vivências à tona, mas estar em sala de aula experienciando práticas colaborativas me mostraram que por mais que algumas experiências tenham sido negativas, eu sou capaz de ressignificar e usá-las como incentivo.

Desse modo, realço o pensamento de Freire “Por isso é que, na formação permanente dos professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática. É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática” (FREIRE, 2016, p.40). E assim, finalizo este trabalho, aprendendo com as minhas vivências para que, em minhas atuações futuras, eu possa fazer a diferença, e buscar o meu melhor.

**Uma profissão que forma todas as outras!**

## REFERÊNCIAS:

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Menino Drummond**. 1902-1987. ilustrações Angela-Lago. — 1a ed. — São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2012.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade e Ambivalência**. Tradução: Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Ed.1999.

CASTORIADIS, Cornelius. **A instituição imaginária da sociedade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários a prática educativa** 53ª ed - Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.

FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar**. Olho d'Água, 1994.

G1. **Metade dos professores** não recomenda a profissão aos jovens por causa da desvalorização, diz pesquisa. 30/07/2018 19h38. Disponível em <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2018/07/30/metade-dos-professores-nao-recomenda-a-profissao-aos-jovens-por-cao-da-desvalorizacao-diz-pesquisa.ghtml>. Acesso em 25 de janeiro de 2023.

HAROCHE, Claudine. O sujeito diante da aceleração e da ilimitação contemporânea. **Educação e Pesquisa** [online]. 2015, v. 41, n. 4. Disponível em <https://www.scielo.br/j/ep/a/cJdv4ZDH7D6tfwHnxrb9P5p/?lang=pt#> Acesso em 29 de janeiro de 2023.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de vida e Formação**. São Paulo: Ed. Cortez, 2004.

JOSSO, M.-C. Histórias de vida e formação: suas funcionalidades em pesquisa, formação e práticas sociais. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)biográfica**, v. 5, n. 13, p. 40-54, 28 jun. 2020. Disponível em <https://revistas.uneb.br/index.php/rbpab/article/view/8423>. Acesso em 25 de janeiro de 2023.

MOURÃO, Carlos Alberto; FARIA, Nicole Costa. Memória. **Psicologia: Reflexão e Crítica** [online]. 2015, v. 28, n. 4. Disponível em <https://www.scielo.br/j/prc/a/kpHrP364B3x94KcHpCkVvkQM/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 25 de janeiro de 2023.

SANTOS, Westerley A. **Uma reflexão necessária sobre a profissão docente no Brasil, a partir dos cinco tipos de desvalorização do professor**. Sapere Aude – Belo Horizonte, v.6 - n.11, p.349-358 – 2º sem. 2015. Disponível em <http://periodicos.pucminas.br/index.php/SapereAude/article/view/9764>. Acesso em 25 de janeiro de 2023.